

Política e cultura em Antonio Gramsci e Piero Gobetti (1918-1925)

Resumo

O presente projeto pretende orientar uma investigação comparativa entre Antonio Gramsci e Piero Gobetti no período 1919-1925. A pesquisa tem por objetivo identificar traduções possíveis entre as reflexões culturais e aquelas propriamente políticas dos dois intelectuais italianos, bem como reconstruir o diálogo que estabeleceram durante os anos de mobilizações operárias em Turim (1919-1920), período conhecido por *bienio rosso*. A hipótese central da investigação é que a proximidade entre o dirigente marxista e o intelectual liberal foi fruto de uma reflexão político-cultural compartilhada, que se expressou na análise do caráter contraditório da formação do Estado moderno na Itália e sua correspondência: a) no elemento *nacional-popular* em oposição ao *cosmopolitismo* da cultura tradicional italiana, da atitude dos intelectuais frente às massas da península e b) na necessidade de realizar a crítica da cultura em dimensão histórica e política.

Palavras-chave: Antonio Gramsci, Piero Gobetti, política, cultura, *bienio rosso*.

1 – Introdução e Justificativa

A presente pesquisa tem como intenção mais geral promover o debate entre duas tradições teórico-políticas fundamentais do pensamento político italiano: o marxismo e liberalismo. Para tal, buscará recuperar a relação entre dois representantes expressivos dessas tradições no começo do século XX, Antonio Gramsci (1891-1937) e Piero Gobetti (1901-1926), a partir da reflexão levada a cabo pelos dois sobre cultura e política. A pesquisa buscará encontrar os pontos de convergência políticos, analíticos e teóricos, respeitando as diferentes perspectivas. Essa é uma investigação que, por um lado, se insere no amplo circuito de pesquisa crítica sobre Antonio Gramsci estabelecido internacionalmente e no Brasil nas últimas décadas, especialmente a partir da década de 1970. Por outro lado, se revela uma pesquisa original por tratar os textos pré-carcerários do marxista sardo e seu diálogo, pouco conhecido pelo público brasileiro, com o jovem e promissor representante pensamento liberal italiano, Piero Gobetti, cujas ideias

influenciariam importantes figuras do pensamento político do século XX, e não apenas na Itália, tais como José Carlos Mariategui, Natalino Sapegno, Norberto Bobbio, Nadia Urbinati, etc.

Já no final da década de 1970, os textos jornalísticos, ensaios e as cartas de Antonio Gramsci e de Piero Gobetti eram inteiramente conhecidos, publicados e parcialmente discutidos no ambiente acadêmicos e político, bem como circulavam na cultura italiana largamente, e mesmo internacionalmente.¹ Nos anos 1960, importantes estudos na área de pensamento político buscavam aproximar esses dois intelectuais, especialmente com objetivo de sublinhar os limites idealistas e moralistas, ou mesmo reformistas, de cada um, assim como estudos com vistas a distanciá-los e a propor símbolos políticos alternativos, bem como confrontar filiações teóricas e vinculações ideológicas supostamente diversas (ver SPRIANO, 1977, p. 4 e RÊGO, 2001).

A presente proposta de estudo comparativo de Gramsci e Gobetti no período da “Turim operária e socialista”² retoma essas caracterizações criticamente, com vistas a desalinhar as heranças intelectuais construídas no ambiente acadêmico do pós II Guerra, tradições que se fizeram aceitar e orientaram a construção de consensos sobre o destino intelectual de ambos na cultura italiana. E, nesse sentido, é uma proposta de investigação quer se conectar a afirmação de Walter Benjamin de que “assim como a cultura não é isenta barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1994, p. 225).

¹ Para o caso de Gramsci, seus escritos pré-carcerários, os *Cadernos do Cárcere* e as *Cartas do Cárcere* começaram a ser publicados já na década de 1950, por iniciativa do Partido Comunista Italiano. Posteriormente, na década de 1970, uma nova edição de suas obras é lançada, com amplo aparelho crítico, e na década de 1990 é fundada a International Gramsci Society-Itália. Os escritos e as cartas de Piero Gobetti, por sua vez, além de publicados ao longo da segunda metade do século XX, estão reunidos no Centro Studi Piero Gobetti, fundado em 1961 em Turim e que também reúne fundos de documentos sobre movimentos políticos italianos entre 1900 e 1990.

²Título do importante estudo historiográfico realizado por Paolo Spriano sobre Turim “de De Amicis a Gramsci”, intelectual italiano responsável pela primeira tentativa de aproximação histórica, teórica e política entre Gramsci e Gobetti (SPRIANO, 1975).

Partimos dos eventos que são conhecidos. Piero Gobetti foi um importante interlocutor de Antonio Gramsci no período em que estiveram em Turim e, embora não fosse marxista ou comunista, possuía interesse ativo no movimento dos operários italianos. As intervenções de Gobetti nas revistas *Energie Nove* e *Rivoluzione Liberale*, das quais foi fundador e editor, revelaram interesse vivo na luta dos operários, com o progressivo reconhecimento do papel ativo dessa classe em um processo de desenvolvimento profundo da Itália, contra as classes parasitárias do Sul agrário e a paralisia dos industriais do Norte. Através de sua intervenção jornalística, Gobetti estabelecia uma mediação entre os militantes comunistas e os intelectuais liberais que haviam assumido uma posição de simpática com relação às lutas operárias de 1919-1920; e com intelectuais que tratavam a questão do Sul da Itália de maneira não tradicional, conservadora (GRAMSCI, 1987b, p. 164).

Além disso, assim como Gramsci, Gobetti participava da organização de campanhas contra o protecionismo econômico do Estado italiano que beneficiava os proprietários de terra do *mezzogiorno*, discussão que foi retomada por Gramsci no cárcere no *Caderno 22* (“Americanismo e Fordismo”) sobre o corporativismo e a industrialização da península (SOAVE, 2008, p. 100; RÊGO, 2001, p. 69). No contexto das intensas greves de 1919-1920 em Turim, ambos sustentaram que apenas os conselhos de fábrica e o sistema desses poderiam cumprir a tarefa de levar a diante um processo revolucionário que se colocava, e reconheceram a necessidade de coordenar o movimento de Turim com as forças sindicais revolucionárias de todo o país. O plano era de um processo orgânico de renovação do aparato sindical que permitisse a expressão da vontade das massas (Idem, 2008, p. 104-105).

Como compreender essas proximidades políticas interessantes de um ponto de vista não meramente factual? Com a presente pesquisa, objetiva-se evidenciar que a

aproximação entre esses dois intelectuais, no campo teórico-político, se deveu a uma reflexão cultural compartilhada, que se expressava em uma concepção comum da formação do Estado moderno na Itália e sua correspondência: a) no elemento *nacional-popular* em oposição ao *cosmopolitismo* da cultura italiana e da atitude dos intelectuais frente às massas da península e b) na necessidade de levar a crítica cultural à sua dimensão política e, portanto, histórica.³

Nossa hipótese acompanha uma pista de Gramsci, escrita em 1926, pouco antes de ser preso pelo fascismo, no texto *Temas para a questão meridional*, onde Gobetti, apesar de não ser comunista, era visto como alguém que havia “compreendido a posição social e histórica do proletariado e já não conseguia mais pensar fazendo abstração desse elemento” (GRAMSCI, 1987b, p. 162). O contato de Gobetti com *L'Ordine Nuovo*, para o qual passou a escrever crônicas teatrais a partir de 1921, e com a luta dos operários nos conselhos de fábrica havia permitido que “seus princípios liberais fossem projetados da ordem dos fenômenos individuais para a ordem dos fenômenos de massa” (Idem, 1987, p. 163).

Antonio Gramsci é um autor conhecido e pesquisado no Brasil, e para justificar uma pesquisa sobre suas ideias é suficiente lembrar quão reivindicados são os seus conceitos em diversas áreas das ciências humanas, e mesmo no ambiente jornalístico. Piero Gobetti, por sua vez, é aparentemente um autor deslocado do contexto científico brasileiro e, por isso, se torna necessário justificá-lo mais detidamente.

Gobetti foi um intelectual cuja influência não se restringiu aos círculos liberais e anti-fascistas de sua época. Suas ideias e iniciativas editoriais tiveram forte influência, por exemplo, sobre o pensamento de um dos principais marxistas latino-americanos, o peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930), que numa cena em que “o pensamento

³Para a discussão da identidade entre política, história e filosofia em Antonio Gramsci ver BIANCHI (2008).

filosófico burguês perdera toda sua confiança” o definia como “discípulo e herdeiro do idealismo croceano no que este tem de mais ativo e puro” (MARIÁTEGUI, 2011, p. 82-83).

É possível mencionar, além disso, a influência de Gobetti sobre o pensamento político de gerações posteriores, tal como a de Norberto Bobbio (1909-2004). Filósofo político influente, Bobbio não teve contato direto, mas conhecia Gobetti desde o tempo de liceu, e reconhecia que, embora tivesse morrido jovem, as iniciativas culturais e os escritos de Gobetti possuíam caráter impressionante (BOBBIO, 2000, p. viii). Bobbio valorizava a “revolução liberal” preconizada por Gobetti e que significava “um movimento vindo de baixo, com vistas à uma transformação radical da sociedade italiana, que nunca vivenciara uma insurgência revolucionária de fato” (Idem, p. xi). Essa seria a base do socialismo-liberal de Bobbio, creditado em seus fundamentos à Gobetti e à ideia de uma “revolução para libertar a Itália de seus males tradicionais”, de um

liberalismo entendido filosoficamente como uma concepção antagonista de história, economicamente como teoria do livre mercado, e politicamente como um Estado governado pela lei, que garanta o exercício das liberdades civis fundamentais (Idem, p. xii).

2 – Objetivos e hipóteses de pesquisa

Os objetivos gerais (a e b) e específicos (a.1, a.2, b.1 e b.2) da pesquisa se referem à investigação das seguintes questões:

- a) *Como Antonio Gramsci e Piero Gobetti do período de 1918-1926 concebem o conceito de cultura. A cultura é uma atividade autônoma ou encontra-se num nexo de unidade com a política?*

a.1) *Qual o significado dos conselhos de fábrica no entendimento cultural de ambos?*

a.2) *Que papel cumpriram as reflexões teóricas e críticas sobre o teatro, a literatura e as artes em geral na formulação do conceito de cultura e do programa político para a revolução italiana?*

a.3) *Qual a relevância da afirmação de uma cultura nacional-popular para a renovação da política italiana.*

b) *Como se posicionam Gramsci e Gobetti no âmbito das clivagens político-filosóficas existentes na Itália no começo do século XX – liberalismo/socialismo e idealismo/materialismo?*

b.1) *Em que medida a participação de Gramsci e Gobetti nas lutas turinenses interferiram sobre suas formulações filosóficas e políticas? É possível afirmar que existe uma inflexão por Gobetti em relação ao pensamento liberal, e em direção ao marxismo e à Revolução Russa?*

A pesquisa deverá contar com algumas hipóteses, construídas até aqui:

a) *Ao contrário do que caracteriza o pensamento liberal preponderante à época, o conceito de cultura no pensamento de Gramsci e Gobetti se estabeleceu na articulação orgânica entre a reflexão artística e sobre o modo de vida, com o pensamento e intervenção política:*

a.1) *Essa articulação se refletiu no refinamento da distinção entre o artista e o político, que resistiu à separação entre arte e política.*

a.2) *Como consequência, tanto em Gramsci como em Gobetti, os conselhos de fábrica organizados pelos comunistas de Turim foram a concretização de uma nova forma política e cultural.*

a.3) A reflexão da questão nacional italiana (crítica do Risorgimento) era, nos dois intelectuais, também a crítica da cultura e da relação entre intelectuais e massas na península. Por isso, o nacional-popular constituiu um ponto de partida necessário para pensar a renovação da vida política italiana.

b) *Antonio Gramsci e Piero Gobetti possuíram em comum o fato de se posicionarem de maneira singular em relação às clivagens político-filosóficas da Itália do começo do século XX, em polêmica e superação do pensamento ottocentescos. Para tal, realizaram o esforço de crítica ao liberalismo como ciência e filosofia, bem como ao sindicalismo estatal do Partido Socialista Italiano. Procuraram superar, cada qual a seu modo, a dicotomia entre liberalismo/socialismo e idealismo/materialismo. Embora se aproximassem no modo em que tentavam resolver o problema filosófico da época, distinguiram-se na solução política. Enquanto para Gobetti essa solução estaria em um liberalismo renovado enriquecido pela experiência dos conselhos de fábrica, para Gramsci essa solução estaria no comunismo vivificado por esses mesmos conselhos.*

3 – Construção da problemática: política e cultura em Gramsci e Gobetti

Um ponto de partida histórico e crítico para estabelecer a relação político-cultural entre Gramsci e Gobetti é o de que ambos estiveram estreitamente associados à história do anti-fascismo e também à história da crítica da cultura italiana após a I Guerra. Além disso, compartilharam a memória das experiências de Turim, na qual o revolucionário marxista e o revolucionário liberal operaram e sobre a qual pensaram

entre 1918 e 1925⁴. Além de intelectuais foram, portanto, profetas e testemunhas de seu tempo (SPRIANO, 1977, p. 3-4).

No contexto das primeiras décadas do século XX, razões históricas complexas conferiram ao movimento operário de Turim características originais, com consequências de importância histórica para a Itália. Em Turim existia a Fiat, um gigantesco aparato industrial que tendia, com sua produtividade excepcional, a prostrar e absorver todos os concorrentes. Sua importância transcendia a mera importância técnica e econômica e, na medida em que se desenvolvia na cidade, criava uma nova psicologia do cidadão. Turim, durante a I Guerra, tornou-se a cidade por excelência da indústria, como primeira célula de um organismo econômico que deveria ser ampliado a toda a nação para conferir-lhe uma personalidade de Estado moderno (SPRIANO, 1974).

Em sua “História dos comunistas de Turim contada por um liberal”, escrita em 1922, Gobetti observou que a centralidade industrial havia criado a centralidade operária na cidade. A seleção dos espíritos dirigentes promovia e determinava a seleção das inteligências operárias, paralelamente ao processo de especialização da mão de obra. Era uma cooperação, entretanto, que não fomentava ilusões nos operários em sua relação com as classes dominantes. O capitalismo assim organizado levava o movimento operário a pensar sobre suas premissas ideais, a organizar-se ao redor de um centro prático e a procurar uma lógica de “si mesmo” (GOBETTI, 1997).

A especialização taylorizada do trabalho dava ao operário turinês a consciência de sua necessidade. Contra o plano ideal de um trabalho reduzido à atividade

⁴ Em 1925, uma milícia do regime fascista atacou e espancou Gobetti em Turim, além de destruir muitos arquivos editoriais importantes. Em virtude da perseguição, e com a saúde debilitada, em três de fevereiro de 1926 Gobetti partiu para o exílio em Paris, onde morreu doze dias depois, em virtude de uma bronquite. Gramsci, por sua vez, foi preso pelo regime fascista em novembro do mesmo ano, quando tentava chegar a Gênova para uma reunião com um representante da III Internacional (GOBETTI, 2000, p. 38-39). Pouco tempo antes, o marxista havia escrito “*Temas para a questão meridional*”, texto que conclui homenageando Gobetti como exemplo de intelectual “organizador da cultura” (ver GRAMSCI, 1987b).

mecanizada, complexas exigências de produção surgiam em Turim, fazendo participar um núcleo cada vez mais numeroso de operários ao segredo e à dificuldade de trabalho criativo, o que gerava no assalariado uma consciência até então desconhecida de “aristocracia e de idealismo que se traduziam em uma necessidade de poder” (GOBETTI, 1997, p. 280).

Atentos a esse processo, em fins 1918 Gramsci e um grupo de intelectuais do Partido Socialista (em especial Umberto Terracini e Palmiro Togliatti) fundaram a revista semanal *Rassegna di cultura socialista*, que tinha por subtítulo *L'Ordine Nuovo*. O periódico publicava Vladimir Lenin, Nicolai Bukharin, John Reed, Georges Sorel, Daniel De Leon, etc., buscando traduzir toda bagagem cultural do período para a realidade viva das oficinas turinesas, além de sistematizar e aderir plasticamente à realidade das forças dos operários, organizando-os. Mais tarde, a revista se transformaria em instrumento de discussão e de ativação política, inspirado numa grande ideia-força: a dos conselhos de fábrica. Era uma ideia que tinha referência na experiência russa e européia dos soviets e de semelhantes organismos operários autônomos. (SPRIANO, 1977, p. 45-46).

Foi também no final de 1918 que Gramsci e Gobetti se conheceram⁵, e em 1919 o liberal fez um convite ao marxista para escrever um artigo para a revista *Energie Nove*, na qual publicavam importantes intelectuais da cultura italiana oficial, como Benedetto Croce, Luigi Einaudi e Giuseppe Prezzolini. O artigo fora proposto em virtude do interesse por Gobetti em debater com os socialistas italianos, e como resposta a um

⁵Gobetti foi apresentado à Gramsci em 1918 por Andrea Viglono, colaborador da revista *Energie Nove*. Coincidentemente, a revista de Gobetti compartilhava a mesma tipografia (Tipografia Mittone) da revista *Il Grido del Popolo*, fundada por Gramsci um ano antes, em 1917 (GRAMSCI, 1984, p. 399). Sobre *Il Grido del Popolo*, Gobetti escreveria em 1922 que o periódico havia se tornado em 1918, de pequeno jornal de propaganda, em uma revista de cultura e pensamento (GOBETTI, 1997, p. 282-283).

artigo polêmico de Balbino Giuliano⁶, “Perché sono uomo d’ordine”, publicado em fins de 1918. O artigo de Gramsci foi publicado em fevereiro de 1919, intitulado “Stato e Sovranità”, e precedido por uma nota de Gobetti em que dizia que “para realizar a promessa feita aos nossos leitores, publicamos os apontamentos do amigo Gramsci” (GRAMSCI, 1987, p. 522-523). Nesses apontamentos, Gramsci afirmava que Giuliano representava a dolorosa história da pequena burguesia que, na Itália e na Rússia, não desempenhou nenhum papel preciso, e se converteu em “ordem” intelectualista assim que a classe trabalhadora começou a “atuar” e defender seus interesses próprios (Idem, 1987, p.518).

Em outro artigo, publicado meses antes, em 14 de novembro de 1918, no *Avanti!* piemontês, Gramsci se referia ao *Energie Nove* como parte dos núcleos de intelectuais burgueses que haviam aprendido com a I Guerra, e que gostariam que fosse instaurado um costume liberal, tolerância civil. A burguesia italiana, entretanto, não respeitava essa ideologia e continuava a ser uma camada parasitária e indiferente, protegida pelo Estado, com consequências graves para a vida civil (Idem, 1987, p. 398).

Em junho do de 1919 começava outra importante polêmica entre Gramsci e Gobetti sobre o papel do golpe de Estado num processo de revolução social. Para o liberal, o golpe de Estado significava um “revolucionarismo mítico e impotente”, incapaz de realizar um processo de transformação radical (GRAMSCI, 1987, p. 72). Em resposta, no *L’Ordine Nuovo*, Gramsci procurou distanciar Gobetti de seus colaboradores liberais da *Energie Nove*, destacando dois importantes artigos deste: “Verso uma realtà política concreta” (publicado em 20 de maio de 1919) e “La riforme dell’ammistrazione publica in Italia (de 05 de maio de 1919). Para Gramsci, Gobetti escrevia brilhantemente sobre a doutrina do Estado e a reforma da administração

⁶Balbino Giuliano (1879-1958) fora professor de Piero Gobetti no liceu, e em 1919 abandonou o socialismo e aderiu ao movimento nacionalista bolonhês, e mais tarde ao partido fascista. Foi Ministro da educação nacional entre 1929 e 1932 e senador em 1934 (GRAMSCI, 1984, p. 523).

pública, eliminando a separação entre Estado e indivíduo comum ao pensamento liberal (Idem, 1987, p. 72). Entretanto, a crítica ao golpe de Estado por Gobetti expressava um episódio de infelicidade intelectual, fruto do afastamento com a realidade concreta das massas de operários italianos que caracterizava de maneira geral a atividade editorial da *Energie Nove* e seus colaboradores (Idem, Ibidem).

Logo em seguida, no artigo “Einaudi o dell’utopia liberale”, publicado no *Avanti!* piemontês de 25 de maio de 1919, em polêmica com a “ciência econômica liberal”, Gramsci afirmou que para esta o processo histórico era visto como regulado por leis perpetuamente iguais, imanentes a uma realidade da economia concebida separadamente do desenvolvimento histórico da civilização (GRAMSCI, 1987, p. 40). A I Guerra, entretanto, havia destruído todas as conquistas da ideologia liberal: o papel do Estado em distribuir riqueza aos capitalistas privados era mais forte; a abolição do parlamento havia gerado a supressão da concorrência política; o militarismo havia se tornado o meio mais potente de acumulação e conservação do lucro; o monopólio econômico havia se fortalecido (Idem, 1987, p. 41).

O comunismo, contrariamente, significava o humanismo integral. Era capaz de estudar na história tanto as forças econômicas como as “espirituais” em sua interferência recíproca, numa dialética que emanava dos choques inevitáveis entre classe capitalista e classe proletária: entre conservação e revolução (GRAMSCI, 1987, p. 41).

O debate de Gramsci com os intelectuais liberais, muitos dos quais professores e colaboradores de Gobetti na *Energie Nove*⁷, e depois na revista *Rivoluzione Liberale*, revelou o esforço por mostrar o fracasso da ideologia liberal em organizar uma

⁷Luigi Einaudi, Achille Loria, Giuseppe Prezzolini e Benedetto Croce eram alguns deles.

renovação na vida italiana do pós-guerra, ponto marcante da relação com Gobetti, com consequências importantes para os dois intelectuais.

Em 21 de junho de 1919, Gramsci escreveu no *L'Ordine Nuovo* o que chamou de “golpe de Estado redacional”, um artigo intitulado “Democrazia Operaia”, que viria a ser a base do programa político da revista escrito no ano seguinte, em agosto de 1920. Nesse artigo, Gramsci apresentava o problema de como organizar as forças sociais que a I Guerra havia agitado, como discipliná-las sob uma nova forma política que contivesse em si a capacidade de tornar-se uma ossatura de um Estado socialista (GRAMSCI, 1987, p. 87). Em outros termos, procurava tratar o problema de como propor imediatamente uma forma política que permitisse vislumbrar uma sociedade socialista, forma que fosse elástica a ponto de resolver impasses organizativos da classe operária ao mesmo tempo que realizasse em si as premissas de uma sociedade nova.

Essa nova forma política deveria nascer de um processo de concatenação e hierarquização dos elementos mais progressistas que já existiam no cotidiano dos operários, já que o Estado socialista existia potencialmente nessas “instituições” da vida social. Esse processo ainda exigiria que essa disciplina e centralização das competências e dos poderes respeitasse a necessária autonomia e articulação das massas, criando uma verdadeira democracia operária, como oposição eficiente e ativa ao Estado burguês.

Dessa maneira, o movimento operário italiano, apesar de dirigido pelo Partido Socialista e pela *Confederazione Generale del Lavoro*, não se esgotava nessas organizações política e sindical, que apenas indiretamente poderiam exercer poder sobre o mesmo (GRAMSCI, 1987, p. 88). Era preciso forjar uma forma e disciplina permanente que pudesse efetivamente organizar as massas italianas, que se afirmasse

como experiência na qual os trabalhadores pudessem assumir as responsabilidades de classe dirigente:

A vida da classe trabalhadora é rica de instituições, se articula em múltiplas atividades. Estas devem ser desenvolvidas, organizadas de maneira complexa, em um sistema vasto e agilmente articulado que absorva e discipline a classe toda (GRAMSCI, 1987, p. 88).

As formulações de Gramsci tiveram grande impacto sobre Gobetti, leitor e interlocutor crítico dos debates do *L'Ordine Nuovo*. Alguns anos depois, em 1922, o revolucionário liberal afirmaria que o periódico comunista de Turim era o único documento revolucionário e marxista sério já existente na Itália (SPRIANO, 1977, p. 8). No mesmo artigo, escreveu que aqueles que presenciavam as novas exigências e se aproximavam das classes populares, percebiam nos operários a conquista da consciência de sua própria posição prática na luta. O ideal de uma classe operária consciente de sua força, capaz de renovar a si mesma e ao mundo, encontrava em Turim o lugar concreto para inserir-se fecundamente e promover o desenvolvimento da vida italiana (GOBETTI, 1997, p. 280). Dessa forma, Turim se transformara em centro das aspirações e da vida, e obrigava ao posicionamento político entre exigências que se contrastavam, para as quais operariado lutava por conhecer e dirigir.

No contexto das intensas greves e ocupações de fábrica (1919-1920), Gramsci e o grupo de intelectuais do *L'Ordine Nuovo* se dedicaram a pensar um espaço político e cultural para o trabalhadores a partir das comissões internas, dos círculos socialistas, da comunidade camponesa e dos centros da vida proletária (GRAMSCI, 1987, p. 88). Esse espaço era o conselho de fábrica, constituído a partir das comissões de fábrica já existentes, e onde as exigências executivas do processo de lutas deveriam ser organizadas. Deveria, portanto, existir um processo de transferência do poder para as comissões de trabalhadores nas fábricas, e destas surgiriam os conselhos, para pensar

não apenas a vida dos operários na fábrica, mas se expandir, apontando inclusive para o âmbito do Estado (Idem, 1987, p.89). Era o esforço de contribuir para criar uma classe dirigente que aderisse às reais condições do proletariado e fosse dele expressão e potencialidade. Nas palavras de Gobetti, esse espaço serviria para que os trabalhadores pudessem tentar realizar uma forma de governo novo, no qual a organização política aderisse à organização econômica (GOBETTI, 1997, p. 287). Em Gramsci, esse sistema de democracia operária seria uma magnífica escola de experiência política e administrativa (GRAMSCI, 1987, p.89).

Sobretudo em 1920 o conselho de fábrica foi, além do centro da atividade revolucionária de Gramsci e seus companheiros, o problema ao redor do qual as várias posições políticas do movimento operário se distinguiram na luta contra o sindicalismo estatal. Nesse momento, mais de 150 mil operários se organizavam em conselhos de fábrica (SPRIANO, 1977, p.47). Os intelectuais do *L'Ordine Nuovo*, entendiam que não era possível lutar com os velhos princípios sindicais, em especial com as táticas meramente econômicas da *Confederazione Generale del Lavoro*, e que o movimento deveria se propor a uma “personalidade integral”, a uma nova concepção de mundo.

Em abril de 1920, os operários de Turim organizaram uma greve geral de 10 dias que colocou um impasse ao Partido Socialista Italiano, que não conseguira absorver a novidade política e cultural dos conselhos, ou mesmo da Revolução Russa no qual estes se inspiravam. Gobetti lembrou mais tarde que os dirigentes do PSI pensavam a ocupação do poder como coroamento da elevação geral das massas, enquanto Gramsci e seus companheiros, acertadamente, pensavam a elevação das massas através da ocupação do poder. Essa declaração sinalizava explicitamente uma aproximação do liberal com a posição de Gramsci em relação ao debate sobre o “golpe de Estado” de 1919 (GOBETTI, 1997, p. 288-289).

Em meados de 1920 ocorreu a ruptura decisiva entre os intelectuais da revista *L'Ordine Nuovo* e o PSI, e se colocou a exigência da construção de uma nova organização política, que viria a ser o Partido Comunista da Itália⁸, cuja fundação simbólica se deu nas ocupações de fábrica em setembro do mesmo ano. Em janeiro de 1921, *L'Ordine Nuovo* passou a ser um jornal diário e órgão do recém criado PCd'I, mesmo ano em que Gobetti passou a contribuir com o periódico com críticas teatrais.

Em suas críticas, Gobetti tratava o teatro como objeto de estudo estético e era, para Gramsci, “o primeiro a estudar mais profundamente um fenômeno o qual se tornara hábito aceitar sem discussão” (GRAMSCI, 1966, p. 123-134). Isso fazia com que a crítica, por ser livre e aprofundada, tivesse uma função útil ao autor e ao público, especialmente por orientar a um juízo mais maduro as intuições confusas e desagregadas do espectador comum. A crítica teatral gobettiana, inspirada no crítico literário do século XIX Francesco De Sanctis⁹, cumpria o papel de propor e fecundar valores de cultura, e dessa forma contribuir para julgar e ajudar o autor, dividindo com ele responsabilidades intelectuais em relação ao público (Idem, 1966, p. 124).

Para o marxista sardo, Gobetti contribuía, em sua atividade de crítico, com a construção de uma nova hegemonia, compreendida não apenas como domínio de uma classe que assumiu o poder, mas como obra de direção política, ideal, cultural, agente vivo no tecido social sobre as condições materiais, a mentalidade, o modo de viver e de pensar das grandes massas. A análise concreta dos nexos existentes entre ação política e cultura revelava uma nova atitude intelectual frente às massas, de organizador (SPRIANO, 1977, p. 75).

⁸ PCd'I, que posteriormente mudou seu nome para Partido Comunista Italiano (PCI), em 1943.

⁹ Em nota intitulada “confissões”, Gobetti afirmou que muitas das suas críticas teatrais eram escritas em curto espaço de tempo, e tinham por modelo o crítico irpino, embora contemporizado no modelo de crônica jornalística (GOBETTI, 1974, p. 706-707).

A partir de 1921, a debilidade em concretizar a ligação efetiva com as massas não-operárias e a fragmentação do bloco anti-fascista contribuíram para o isolamento que precedeu a repressão mais áspera ao movimento operário de Turim. Como forma de resistência a esse processo, a intervenção de Gramsci indicou e percorreu como fio condutor o conflito intenso existente entre as lutas econômico-corporativas e aquela relativa à política e à cultura, exaltando justamente a influência da segunda sobre a primeira para oferecer uma maneira de pensar e indicações de pesquisa que estivessem sempre na direção de uma tomada de consciência mais profunda sobre as tarefas da classe operária e seu partido nesse período (SPRIANO, 1977, p. 74).

A fundação do jornal *L'Unità* e a retomada do *L'Ordine Nuovo* em 1924¹⁰, período posterior à forte repressão das greves e ocupações de fábrica, foram indícios de uma perspectiva de construção política a “longo prazo”, assim como o interesse renovado sobre a “questão meridional”, sobre a qual Gramsci escreveu apontando a necessidade a aliança entre os camponeses pobres do Sul e o proletariado urbano do Norte. Esse período representou também um ponto importante da elaboração teórica por Gramsci, agregando a experiência militante em Turim durante 1919-1920 ao tempo que passou em Moscou e Viena entre 1922-1923. A síntese dessa elaboração foram as *Teses de Lion*, elaboradas conjuntamente a Togliatti para o III Congresso do PCI realizada em janeiro de 1926 (SPRIANO, 1977, p. 63).

4 – Metodologia e fontes

Esta é uma proposta de pesquisa das relações entre os textos políticos e culturais de Antonio Gramsci (1891-1937) e Piero Gobetti (1901-1926), em especial tomando

¹⁰ Em 1922 o *L'Ordine Nuovo* foi suspenso, para ser retomado em março de 1924. Oito números até março de 1925, quando o jornal foi encerrado definitivamente. Nesse período, a pena cortante de Gramsci impunha respeito aos adversários e admiração aos leitores do *L'Ordine Nuovo*, para o qual dedicou-se intensamente (SPRIANO, 1977, p.54).

como ponto de partida as intervenções nos periódicos *Il Grido del Popolo* (1917-1918), *Avanti!* (*sezione piemontese*) (1918-1920), *L'Ordine Nuovo* (1919-1925), *L'Unità* (1924-1926), *Energie Nove* (1918-1921) e *Rivoluzione Liberale* (1922-1925)

A presente proposta de investigação se insere nos estudos de pensamento político, de demarcação de uma “história intelectual” do diálogo entre Antonio Gramsci e Piero Gobetti. Pretende reconstruir a história das idéias, das teorias e da forma como os dois intelectuais perceberam os problemas nacionais italianos, os formulam e resolveram. Para isso, a pesquisa levará em conta o processo de formulação dos conceitos no terreno da cultura e luta política comum à Gramsci e Gobetti: as lutas operárias de Turim e o contexto revolucionário internacional, materializado na Revolução Russa.

É preciso levar em conta o fato de que esse o material pesquisado é, na sua complexidade, no revolucionário marxista e no revolucionário liberal, a “transcrição de uma experiência dramática de luta por uma nova cultura, vivenciada pessoalmente e com olhar voltado para as ‘necessidades’ de um grande público” (BARATTA, 2004, p.141). Os periódicos selecionados no período de 1918 – 1925 expressaram justamente o ambiente intelectual do *primo dopoguerra*, dos impasses colocados para os dirigentes políticos e organizadores culturais. As revistas e jornais, ligados aos círculos intelectuais socialistas, comunistas, liberais, etc., se tornavam nesse período expoentes do pensamento e da ação política de intelectuais como Gramsci e Gobetti. Além disso, almejavam alcance do grande público, compreendiam a importância de intervir sobre a cultura das massas italianas, de “competir” com o senso comum, para provocar a reflexão e centralizar uma orientação política renovada.

Faz parte do estudo da interlocução entre Gramsci e Gobetti ainda a restauração das fontes teóricas e políticas anteriores, mais precisamente do período *risorgimentale*.

O esforço historiográfico presente em ambos em resgatar os problemas italianos no processo da unificação nacional exige a recuperação e contraste dos principais intelectuais e dirigentes do *ottocento*. O esforço metodológico retrata a história intelectual e política em meio a essas “fontes”, discordâncias e concepções, que confluíram para o engajamento intelectual e político de Gramsci e Gobetti:

O pressuposto metodológico deriva da definição implícita do político sobre a qual se fundam [os historiadores]. O político não é para eles uma instância ou um domínio entre outros da realidade: é o lugar onde se articulam o social e sua representação, a matriz simbólica onde a experiência coletiva se enraíza e se reflete ao mesmo tempo (ROSANVALLON, 1995, p.12).

6 – Cronograma de pesquisa

1. Identificar um corpo bibliográfico de base sobre o tema;
2. Seleção, leitura dos textos e documentos relevantes;
3. Análise dos textos e documentos e identificação das questões, teses, conceitos;
4. Produção de material para sínteses parciais da pesquisa;
5. Elaboração, redação e publicação de sínteses conclusivas;
6. Discussão coletiva do trabalho desenvolvido (apresentação em Congressos, Simpósios, Encontros, Colóquios, grupos de pesquisa, etc.);

Por trimestre (duração de três anos)

Meses	3	6	9	12	15	18	21	24	27	30	33	36
Item 1	X	X	X	X	X							
Item 2		X	X	X	X	X	X	X				
Item 3			X	X	X	X	X	X				
Item 4				X			X					
Item 5			X	X	X				X	X	X	
Item 6	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

7 - Referências bibliográficas

ASOR ROSA, Alberto. Intelectuais. In: *Enciclopédia Einaudi*, volume 22. Edição portuguesa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

- BARATTA, Giorgio. *As rosas e os cadernos: o pensamento dialógico de Antonio Gramsci*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BASSO, Lelio e ANDERLINI, Luigi. *Le riviste di Piero Gobetti*. Milano: Feltrinelli Editore, 1961.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIANCHI, Alvaro. *O laboratório de Gramsci: filosofia, história e política*. São Paulo: Alameda, 2008.
- BOBBIO, Norberto. Foreword. In GOBETTI, Piero. *On Liberal Revolution*. New York: Vail-Ballou, 2000.
- BUTTIGIEG, Joseph A. After Gramsci. *The Journal of the Midwest Modern Language Association*, v. 24, n.1, p.87-99, 1991.
- _____. Gramsci's method. *Boundary 2*, Vol. 17, n.2, p.60-81, 1990.
- CUCHE, Denys. *Noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1998.
- DIAS, Edmundo Fernandes. *Do giolitismo à guerra mundial. Textos Didáticos*, n.39. IFCH/Unicamp, outubro de 2004.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: UNESP, 2005.
- FRANCIONI, Gianni. *L'Officina Gramsciana*. Napoli: Bibliopolis, 1984.
- GOBETTI, Piero. *Scritti Politici*. Torino: Giulio Einaudi, 1997.
- _____. *Scritti di critica teatrale*. Torino: Giulio Einaudi, 1974.
- _____. *Scritti sull'arte*. BENEDICTS, M. De (a cura di). Torino: Nino Aragno Editore, 2000.
- _____. *La rivoluzione liberale: saggio sulla lotta politica in Italia*. Torino: G. Einaudi, 1995.
- GRAMSCI, Antonio. *Quaderni del Carcere*. Turim: G.Einaudi, 1975 -2007, 4v.
- _____. *Lettere dal Carcere*. Palermo: Ed. A. Santucci. 1996, 2 v.
- _____. *Socialismo e Fascismo: L'Ordine Nuovo 1921-1922*. Torino: Giulio Einaudi, 1966.
- _____. *Per la verità*. Roma: Editori Riuniti, 1974
- _____. *Cronache Torinesi: 1913-1917*. Torino: Giulio Einaudi, 1980.
- _____. *La città futura: 1917-1918*. Torino: Giulio Einaudi, 1982.
- _____. *Il nostro Marx*. Torino: Giulio Einaudi, 1984
- _____. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Giulio Einaudi, 1987.

- _____. *Temas para a Questão Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.
- _____. *Cronache Teatrali*. Torino: Nino Aragno Editore, 2010
- INGLIS, Fred. *Culture*. Londres: Polity, 2004.
- KROEBER, A. L. e KLUCKHOHN, Clyde. *Culture: a critical review of concepts and definitions*. New York : Vintage Books, 1963.
- MANGANARO, Marc. *Culture, 1922: The Emergence of a Concept*. Princeton: Princeton University, 2002.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Defesa do Marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. Prefácio. In: RÊGO, W. G. D. L. *Em busca do socialismo democrático: o liberal-socialismo italiano: o debate dos anos 20 e 30*. Campinas: Unicamp, 2001.
- RÊGO, Walquiria G. Domingues Leão. *Em busca do socialismo democrático: o liberal-socialismo italiano: o debate dos anos 20 e 30*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- ROSANVALLON, Pierre. Por uma história conceitual do político. *Revista Brasileira de História*, v. 15, n. 30, 1995, pp. 9-22.
- SCHLESENER, Anita Helena. *Revolução e cultura em Gramsci*. Curitiba: UFPR, 2002.
- SCHNEIDER, Louis e BONJEAN, Charles M. (eds.). *The idea of culture in the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.
- SOAVE, Sergio. Gramsci e Tasca. In: GIASI, F. (a cura di) *Gramsci nel suo tempo*. Vol.1, Roma: Carocci, 2008.
- SPRIANO, Paolo *Storia de Torino operaia e socialista: Da de Amicis a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1974
- _____. *Gramsci e Gobetti: introduzione alla vita e alle opere*. Torino: Einaudi, 1977.
- TOGLIATTI, Palmiro. L'antifascismo di Antonio Gramsci. In: GRUPPI, L. (a cura di), *La politica cultural*. Roma: Editori Riuniti, 1974.
- VANEK, Wilda M. Piero Gobetti and the crisis of the *Prima Dopoguerra*. *The Journal of Modern History*, Vol. 37, No. 1 (Mar., 1965), pp. 1-17
- VOZA, Pasquale. Intelletuali. In LIGUORI, G. e VOZA, P. (cura di) *Dizionario Gramsciano (1926-1937)*. Bari: Omnibook, 2009.